



EDITORIAL

As produções desta edição trazem apontamentos analíticos e teóricos produzidos, em sua maioria, em uma pós-graduação oferecida pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares Afro-Brasileiros (NEIAB-UEM), além de produções a nosso convite. As discussões trazidas resultaram na possibilidade de alocarmos em três grandes temas: educação, cultura e religiosidade, tendo por objetivo os modos como eles ou são a base das análises raciais ou as atravessam.

Essas estruturas mencionadas: educação, cultura e religiosidade, não são a totalidade do universo que compõe o quadro chamado 'sociedade' a qual os sujeitos estão imersos, porém, revelam como os trânsitos mais mundanos de pessoas negras podem ser abalados por uma estrutura demarcadamente racista. Chamamos de mundano o cotidiano, o ordinário, que revela elementos dos mais corriqueiros, como estar no interior de uma escola, até mesmo o fato de percorrer espaços urbanos com elementos simbólicos de religiões de matriz africana. Esses movimentos ganham contornos diversos segundo os olhares dos demais sujeitos dentro dessa 'sociedade' brasileira, aqui compreendida exatamente segundo a dinâmica contratualista eurocentrada vinculada às noções de propriedade privada, portanto, um cenário forjado sob princípios específicos: normas, padrões de corpos, violências etc.

Esse universo de padrão eurocentrado aqui foi discutido, por exemplo, nas análises acerca do cinema ou do ensino religioso, ambos oferecendo perspectivas teóricas, mas materializáveis seja na produção fílmica, seja nas práxis em sala de aula ao não demonizar religiões de matriz africana.

Este número é um convite para (re)pensarmos nossas existências e trânsitos no campo social brasileiro. Agradecemos a cada pessoa que se propôs a este desafio.

Axé.

Marivânia Conceição de Araújo

Rodrigo Pedro Casteleira